

# GÊNESE E EVOLUÇÃO DOS DIALETOS TARENTINO E VÊNETO

Elias José MENGARDA (PG-UFSC)\*

## 1. Introdução

El dialèt en malora

Da 'n pèz el nòs dialèt el va 'n malora:  
l'è rosegà dal temp come le prede  
dei vèci monumenti e de le cése.

Parole che è na pers con quei mistéri  
ormai spazzàdi via da nòve usanze.  
Parole ancora vive e pù doprade.  
perché la zènt no 'l le ricordo pù.

Me son nascórt che 'nsin dentro me casa  
a volte se vèng fora col talian:  
al posto de caréghe se dis sedie,  
la luce no la 'mpizo e no la smòrzo  
perchè adés se acènde e pò se spègne,  
no se davèrzo pù la porta, ma se apre,  
dal tram no se desmonta ma se scènde,  
e avanti, via cossì, col altri esempi.

Ma gh'è 'n pensier catif che 'l me consola:  
me par che anca 'l talian no 'l vaga mèio  
perchè, come i lo parla al di d'ancòi,  
no se 'l capis se no sa l'inglese.

O poema<sup>1</sup> acima é de autoria de Umberto Cattani e descreve com propriedade como o autor percebe a transformação da sua

---

\* mengarda@big.univali.br

língua materna (dialeto). A língua é um organismo vivo e se transforma com o uso. São os falantes que provocam as mudanças na língua. A escrita registra as mudanças e é através dela que podemos verificar suas transformações ao longo do tempo em todas as línguas humanas.

A língua é para nós, humanos, o que é o átomo para os físicos ou a célula para os biólogos. Somos seres de linguagem. Centenas de nações, milhares de línguas, cerca de 4.000 ou 5.000 dizem alguns, dialetos em profusão, crioulos e pidgins. Uma universalidade de códigos, de falas, de cores, de gentes...

Para Flydal citado por Elia (1987: 12), a língua não é apenas uma estrutura ou uma arquitetura, pois as línguas são alimentadas continuamente por fatores psicológicos, sociológicos e antropológicos. Estes fatores não são apenas exteriores à língua, mas também estão presentes no interior da língua, no seu léxico, nas suas diferenciações socioletais e idioletais.

Neste estudo abordamos a origem dos dois dialetos mais falados no sul do Brasil, com um enfoque particular em algumas variantes, sobretudo, àquelas relacionadas às vogais em Rio dos Cedros. É importante destacar que os dialetos trazidos pelos italianos foram e continuam sendo um instrumento rico de comunicação desde 1875 até os dias atuais em muitas comunidades do sul do Brasil. É uma realidade cultural e lingüística que não deve ser desconsiderada, demandando por parte das instituições políticas, educacionais e universitárias uma reflexão sistematizada dos dialetos ainda em uso e sua importância na vida de muitas famílias de descendência italiana em pleno século XXI.

Ainda hoje o dialeto é muito usado pelos residentes trentinos em Trento. Embora a vida moderna seja muito influenciada pela televisão e a frequência de turistas tenha pouco a pouco atenuado o uso do modo de falar tradicional, o fato é que na Província de Trento, por exemplo, o dialeto é mais usado do que em qualquer outra região italiana. Segundo o recenseamento feito em 1997 pelo *Istituto Nazionale de Statistica*, cerca de 57% dos residentes em Trento, província do norte da Itália, ainda usam com frequência o dialeto na vida familiar e nas relações com os amigos (Fox, 1997: 113).

Diante desse fato que nos surpreende de algum modo, pretendemos através deste estudo contribuir também para a reflexão sobre as implicações pedagógicas que o tema demanda, sobretudo nas comunidades de imigração italiana. Os estudos empreendidos pela Lingüística Moderna mostram sobremaneira a complexidade de cada língua e de cada dialeto, enfatizando de modo particular suas diferenças e semelhanças. A variedade lingüística que as pessoas aprendem é naturalmente aquela falada no grupo social no qual estão inseridas. É Saussure (1978) quem enfatiza que a língua é exterior aos indivíduos, por isso, ela é um fato social. As diferenças sociais e culturais constituem bens que representam a pluralidade de concepções e de maneiras de viver a vida nas nossas comunidades de imigração. Cada variedade lingüística representa um sistema de referências internalizadas que corresponde também à internalização de uma compreensão e visão de mundo.

Quando a escola compreender que a língua é uma forma de compreensão das coisas e de suas mútuas relações entenderá também que esta multiplicidade de culturas representa diferentes modos de percepção e de concepção de vida das comunidades.

## **2. Conceito e caracterização dos dialetos Trentino e Vêneto**

Inicialmente, frisamos que a conceituação de dialeto não é tão tranqüila como parece ser. Podemos verificar alguns dos conceitos mais divulgados pela literatura e as nuances que permeiam estas diversas conceituações.

Para Dubois *et al.* (1993: 184), dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, sendo usado num ambiente mais restrito que a própria língua.

Para Câmara (1978: 95), do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território que se estende, e pode dividir-se em subdialetos, quando há divergência apreciável de traços lingüísticos secundários entre zonas desse território.

Quando se fala da existência de dialetos é porque há uma língua culta ou padrão que se sobrepõe a estes. Conforme afirma

Câmara (1978: 95), a consequência é que os dialetos ficam limitados ao uso cotidiano, sem maior expressão cultural e/ou literária.

A Itália, por exemplo, é um caso peculiar em se tratando de dialetos. Nesse país, são falados mais ou menos quinhentos dialetos (Clemente, 1999), e algumas vezes, alguns destes dialetos são totalmente discrepantes entre si, ou seja, ininteligíveis. As razões da eclosão de tantos dialetos são de fundo histórico. Com a unificação da Itália em 1919, a língua oficial passou a ser o italiano. É nesta época que o Trentino e a Ístria passarão a fazer parte da Itália atual. Como consequência, mesmo aqueles dialetos que tinham mais prestígio foram aos poucos cedendo terreno para a língua tida como oficial. As pessoas precisavam aprender a língua oficial, isto é, o italiano, como forma de garantir empregos melhores, como também para poderem acompanhar a evolução cultural, tecnológica e científica que se operava no país.

Na fase aguda da unificação, a Itália estava dividida em reinos, ducados e os Estados Pontifícios, sob o domínio ou influência estrangeira. Em períodos anteriores, a Itália apresentava-se com mais divisões, como cidades-estados, repúblicas, reinos, ducados, principados e outras denominações. Com raras exceções, sob a dependência estrangeira. Daí a origem de tantos dialetos. A Itália perdeu a unidade nacional com a queda do império romano em 476, fragmentado por contínuas invasões bárbaras que implantaram, na Europa, o Feudalismo. Nessa mistura de dialetos, alguns se sobressaíram como o Vêneto, por exemplo. Na própria Itália, o Vêneto já desfrutava de amplo predomínio e prestígio sendo falado em uma área geográfica bastante extensa, não se limitando apenas à região do Vêneto.

Luzatto (1994: 19), com referência às origens do vênето, assinala que a fala vêneta, mais irmã do que filha do latim, foi evoluindo até alcançar o *status* de língua, chegando mesmo a ser falada e escrita não apenas na região ocupada pelo atual Vêneto, mas também em grande parte da Lombardia, em quase todo o Trentino, no Friuli, na Venezia-Giulia, na Ístria, na Dalmácia, ao longo do Adriático e em muitos portos do Mediterrâneo e do Mar Negro.

Quanto ao dialeto trentino, Prati (1922, *apud Bertuluzza*, 1988: 13)<sup>2</sup> afirma que este é de origem galo-italico com certas tintas vênetas. A sua base é lombarda, coisa que não reconhecia

L'Ascoli, o qual cai no erro de crer ser de origem ladina aqueles traços do trentino que são claramente de fundo lombardo.

Ricci (*apud Bertoluzza*, 1988: 8), ao abordar a temática do dialeto trentino, assinala que um dos seus aspectos importantes é o seu vernáculo, ainda que não registrado em sua completude, Trento documenta-se como cidade profundamente e tradicionalmente italiana porque esse vernáculo contém um léxico substancialmente afim ao vêneto; e a par disso, compreende uma grande base de elementos toscanos, especialmente florentinos ainda vivos ou dos tempos passados.

Hall (1948: 2, *apud Bonatti*, 1974: 12), ao descrever o dialeto trentino dentro do complexo lingüístico italiano, assinala que há dialetos italianos do norte (vêneto, emiliano, lombardo, ligure e piemontês); dialetos italianos do centro (toscano, umbro, das marcas e do Lácio) e dialetos italianos do sul (napolitano e da campânia, siciliano e os dialetos falados na Apúlia, na Calábria, na Basilicata, na Lucânia e nos Abruzzos). O dialeto trentino é do tipo galo-italico com base germânica e vêneta e dificilmente se enquadraria com clareza numa das divisões acima, pois participa ao mesmo tempo das características do vêneto e do Lombardo, com o qual esteve em contato durante muitos anos de dominação política.

Os dialetos periféricos na área de Trento foram muito influenciados pelas áreas lingüísticas confinantes. Deste modo se fala de "Lombardo" dos Vales Giudicare, enquanto a Valsugana foi influenciada pelos dialetos venezianos confinantes no Baixo Vale, e no Primiero se verificou a influência do dialeto de Feltre (Fox, 1997: 113).

### **3. Percorso e transformação dos dialetos Trentino e Vêneto no sul do Brasil**

Os imigrantes italianos procediam das mais diversas regiões do norte italiano, com forte preponderância de elementos vênetos e trentinos. Estes foram aqui transplantados sem levar em conta o local de origem de cada família, resultando progressivamente desse contato a constituição de um falar característico e bastante peculiar caracterizado como *talian*. Como os elementos vênetos vieram em maior quantidade (os números assinalam 60%), irradiaram com maior intensidade sua língua e

sua cultura. Dessa forma, o dialeto vêneto, que já detinha grande prestígio na própria Itália, vai progressivamente se impor com maior força e de forma natural na região Sul do Brasil.

Em relação à formação de uma *coiné vêneta* no sul do Brasil, Clemente (1999) assinala que o falar vêneto se sobrepôs aos falares dialetais lombardos quer fossem bergamascos ou cremoneses. Formou-se a *coiné* que se encontrou na escola, na vida sócio-político-econômica com o português falado diversamente nas diferentes regiões.

A miscigenação lingüística se deu como se deu a mistura dos sangues. Nas primeiras décadas houve resistências nos casamentos, depois as barreiras foram caindo com a vitória do amor. Na língua deu-se fenômeno semelhante. Ao falar o dialeto vêneto brasileiro em qualquer lugar da região vêneta a comunicação se faz com facilidade e com admiração da parte dos italianos. Eles não imaginam que após tanto tempo se tenha conservado a língua que veio transplantada com os imigrantes a partir de 1875 e se mantém até os dias atuais. Na fala vêneta do sul do Brasil aparecem formas e expressões da língua portuguesa e algumas vozes dialetais brasileiras próprias da região em questão.

A coexistência entre trentinos e vênetos e outros co-dialeto resultou no fenômeno que Luzatto (1994) classifica de *talian* (vêneto brasileiro), a língua mais falada no Brasil depois do português.

Devemos ressaltar que na Itália cada comunidade (*paeselo*) mantinha o seu dialeto; aqui, porém, os imigrantes foram misturados. O lugar de origem das famílias foi pouco observado no momento dos assentamentos, no entanto, algumas comunidades conseguiram criar uma identidade própria e manter as características específicas daquele dialeto, como é o caso, por exemplo, da comunidade de Pomeranos<sup>3</sup> amplamente estudada por Bonatti (1974), onde o dialeto trentino conseguiu manter-se.

Luzatto (1994: 11) assinala que quase sempre nos conglomerados rurais há a prevalência de vênetos, lombardos, trentinos e, mais raramente, friulanos. A maior incidência de representantes desta ou daquela região de origem fez com que se reconhecessem localidades como sendo de bergamascos, cremoneses, beluneses, trentinos, indicando a passagem de um linguajar familiar específico para um linguajar social que se

formaria no grupo da linha ou capela, sempre com presenças regionais diversificadas. Num terceiro momento, este linguajar social foi evoluindo para um linguajar mais geral, que é o Vêneto Brasileiro, hoje falado e entendido por todos os descendentes, incorporando falas das três principais regiões que lhe dão origem - o Vêneto, a Lombardia e o Trentino Alto Adige. Uma certa homogeneidade na fala dialetal dos imigrantes é realmente um fato bem notado pelos estudiosos. A coexistência dos variados grupos procedentes dos diversos (*paeselli*) de origem comprova que a língua é dinâmica e sofre transformações inerentes e próprias, motivadas pelas novas condições geopolíticas, sociais e culturais encontradas no Sul do Brasil. Desde 1875, um novo perfil de italianidade foi sendo plasmado através do contato do colonizador com o nativo e o português. Nas primeiras décadas de colonização houve muita relutância com relação à integração étnica e cultural. Os núcleos de colonizadores evitavam misturar-se com os portugueses, negros e índios.

O processo de integração foi lento e, em muitos casos, até conflituoso, devido a atitudes discriminativas em relação às pessoas de cor e/ou aos nativos. Expressões como *i negri* ou *i brasiliani* usadas pelos italianos, expressavam um caráter depreciativo e discriminatório em relação aos nativos. Este caráter discriminatório era mais visível em relação às congregações religiosas vindas da Europa e que aqui floresceram, sobretudo, nos domínios de colonização alemã e/ou italiana. Eram muito raras as vocações oriundas dos nativos e, quando estes ingressavam nas congregações religiosas muito poucos perseveravam.

Luzatto (1994: 21-23), ao pesquisar a maneira característica de falar dos imigrantes, descreve que dos imigrantes italianos que colonizaram o Sul do Brasil, aproximadamente 95% eram provenientes do Vêneto, do Trentino-Alto Adige, do Friuli-Venezia Giulia, isto é, do Tri-vêneto, e da Lombardia. Desses, mais de 60% possuíam a língua e a cultura vênetas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma, isto é, o vêneto. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina da Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenone, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias vênetas ao seu redor.

Evidentemente era preciso entender-se. Isso provocou a formação de uma língua de comunicação, uma *koiné*, muito mais vêneta do que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois os falantes do vêneto eram a maioria.

O autor destaca que no início a influência dos nativos e portugueses era imperceptível sobre os núcleos de colonização. Mesmo que em algumas colônias se destacassem os lombardos, em outras os trentinos e friulanos, a língua era sensivelmente a mesma. Esse isolamento, segundo o autor, durou mais ou menos 50 anos. Só depois do advento do rádio e da televisão, inicia-se um processo de interferência mais acentuada do português nos atos conversacionais dos imigrantes italianos e seus descendentes. Se compararmos textos de propaganda política, recolhidos em Bento Gonçalves, datados de 1932, observaremos que pouco diferem, quanto à grafia e ao vocabulário, de outros divulgados na Val Belluna, província de Belluno, em 1882. Aqueles que tiveram a oportunidade de visitar a região do Vêneto utilizando o *talian* falado no sul do Brasil devem ter sido surpreendidos com expressões como esta: *Varda, el parla come 'l me nono!*<sup>4</sup> De forma que, extraindo os *brasileirismos* que vamos venetizando ao natural, teríamos uma boa performance na sociedade vêneta do final do século passado. Fala-se, no Brasil, um vêneto arcaico, mas isso não significa que seja uma língua estacionária, superada e que não tenha evoluído. É que a nossa, diferentemente daquela que se fala na Itália, pela inclusão de itens lexicais do português, derivou para uma direção, e aquela que se fala nas regiões de influência vêneta para outra. Bastaria um querer político e nossos idiomas, o de lá e o de cá, poderiam ser unificados. É suficiente excluir os estrangeirismos.

Quanto às variações em nível de fonética, de fonologia ou de léxico do vêneto em contato com outros co-dialeto que aqui foram transplantados, não parecem ser tão acentuadas e, tanto a compreensão, quanto a comunicação, são mutuamente inteligíveis entre os falantes. Da mesma forma, ocorrem diferenças lingüísticas regionais bastante sensíveis entre os falantes do português, contudo não há problemas de compreensão ou de comunicação. Baianos, gaúchos, cariocas e nordestinos se compreendem mutuamente, no entanto são notadas variações ao nível do léxico e da fonologia.

Tarallo e Alkmin (1987: 11), ao referir-se ao português, destaca que a área geográfica brasileira é composta de uma



multiplicidade de dialetos, mutuamente inteligíveis. Em contrapartida, em alguns países da Europa, notadamente a Itália e a Alemanha, há um cruzamento de dialetos que nem sempre são lingüisticamente negociáveis. No caso do Brasil há, portanto, um multidialeto ameno e as diferenças regionais localizam-se, em geral, nas áreas da fonética, da fonologia e do léxico. A Itália e a Alemanha, por outro lado, apresentam uma situação de multidialeto forte, isto é, os vários dialetos<sup>5</sup> nem sempre são mutuamente inteligíveis.

Curi (1994), ao referir-se aos dialetos falados no sul do Brasil, destaca que dois dialetos marcam forte presença em nosso Estado e Sul do Brasil: o vêneto e o trentino. O Vêneto tem força total no Rio Grande do Sul e apresenta escritores, textos em prosa e verso, uma gramática e, sobretudo algumas teses de pós-graduação com trabalhos em fonética, morfologia e sintaxe. O trentino, embora tenha também sido estudado socio-lingüisticamente, é mais pobre nas publicações. O trentino e a italianidade são praticamente a mesma coisa, pois os idiomas representam em sua irradiação geográfica estruturas culturais; se nos limitarmos ao trentino-Vêneto ou a *koiné* italiana que cobre não só Santa Catarina, mas todo o Sul do Brasil, não seria absurdo admitirmos uma *cultura do talian*, incluindo neste conceito dialetos como o nosso trentino, o vêneto, o lombardo, o friulano, o piemontês, o vicentino, o padovano, o bergamasco, o napolitano etc, ou, para falar filologicamente, todos os dialetos que denunciam abertamente as suas longínquas matrizes latinas e pré-latinas, já que nossos dialetófonos, embora mais numerosos do Tri-vêneto, trouxeram vozes da Itália lombarda e meridional.

Em cidades como Rodeio, Rio dos Cedros, Nova Trento e outras do sul do Estado, regiões que têm recebido muitas famílias trentinas e vênetas, com exceção de algumas variantes de cunho fonológico e lexical, constata-se uma certa homogeneidade da fala dialetal veneta.

Bonatti (1974: 27-32), autor que estudou o dialeto trentino na comunidade de Pomeranos, município de Rio dos Cedros, afirma que a imigração italiana em Santa Catarina e Rio Grande do Sul é constituída, quase exclusivamente, de elementos trentinos e vênetos. A população que se estabeleceu na região do Vale do Itajaí é quase exclusivamente trentina. A estes se juntaram belunenses,

bargamascos, padovanos. Os imigrantes trentinos chegaram a Rio dos Cedros em dois grupos: o primeiro, em 1875 e o segundo, em 1876.

É essa variedade dialetal mesclada a partir da própria terra de origem que os imigrantes italianos, uma vez estabelecidos na região desde 1875 trouxeram, resultando dessa coexistência e influência mútuas o *talian* ou vênето brasileiro. Atualmente, a variedade do dialeto vênето ainda é preservada heroicamente, sobretudo pelos avós e bisavós, que o usam como instrumento de comunicação, sobretudo nos domínios do doméstico.

Borgo Valsugana, região da província de Trento, adota o dialeto trentino, todavia, conforme relata Mengarda (1995)<sup>6</sup>, o dialeto falado na Valsugana pende para o vênето porque geograficamente a cidade de Borgo Valsugana faz limites com a região vênета, ocorrendo desta maneira uma mútua influência sobre os falantes de ambas as províncias. O dialeto trentino varia de região para região e não apenas de comunidade para comunidade. Em Rio dos Cedros, os que são de origem da Valsugana dizem *el sorgo* para designar milho e os que são de Matarello, uma cidade a poucos quilômetros de Valsugana, dizem “*zaldo*”.

Perini (1852, *apud* Bertuluzza 1988: 8) ressalta que o dialeto trentino<sup>7</sup> se aproxima do dialeto vênето, aliás, pode-se dizer que seja modificação do mesmo, do qual não difere a não ser pelo sotaque com o qual se pronuncia e do uso constante de truncar as palavras. No que diz respeito à pronúncia, observa-se também que o trentino discorre pacatamente enquanto o vênето desliza com rapidez com a palavra e não podemos abrir a boca que o vênето nos conhece como trentinos pela nossa maneira de “arrastar” um pouco a última sílaba acentuada.

Bonatti (1974: 14) assinala que o léxico da região de colonização italiana apresenta esses exemplos de diferenciação lexical devido à heterogeneidade dos elementos étnicos e à diversidade de cultura agrícola. Apesar dessas e de outras diferenças não parece que se possa falar de dialetos trentinos, mas de co-dialetos ou sub-dialetos, de forma que o trentino apresenta numerosas variantes sub-dialetais dentro do pequeno território da província de Trento, a norte-nordeste na Itália. Às vezes, esta diferenciação pode atingir a incomunicabilidade.

A pluralidade étnica a que o autor se refere relaciona-se à coexistência de imigrantes italianos em algumas regiões, com grupos de alemães como ocorreu, por exemplo, no Vale do Itajaí. Quanto à diversidade agrícola, havia certas culturas como a uva produzida em escala comercial na Itália, e que nesta região, especificamente no Vale do Itajaí, é apenas produzida para o uso doméstico.

Bonatti (1974: 83) assinala algumas curiosidades sobre a capacidade de inovar do imigrante, assim como o processo de obsolescência que se processou no dialeto trentino falado em Rio dos Cedros. Numa amostra de 45 termos ligados a partes do corpo humano, não houve uma única mudança lexical entre Trento e Pomeranos. De uma lista de 37 nomes de plantas de Trento, só uma é conhecida em Pomeranos. Quanto aos termos que expressam saúde e doença, 55 dos 58 termos registrados no Brasil são conhecidos também em Trento. Os nomes dos animais selvagens representam em geral inovação em Pomeranos, ao passo que os nomes dos animais domésticos são praticamente os mesmos. No vocabulário que expressa as atividades religiosas, apenas um dentre trinta apresenta inovação que só existe em Pomeranos. Na administração pública, registramos dezenove termos dos quais apenas uns poucos são conhecidos em Trento. Muitos dos novos termos do dialeto de Pomeranos são técnicos. Contaram-se 31 vocábulos ligados à cultura do milho; 32 referem-se à cultura do arroz e 34 pertencem à cultura do fumo. Por outro lado, desapareceram do dialeto de Pomeranos os vocábulos ligados à cultura da uva, do trigo e do bicho-da-seda. Bonatti conclui que a verdadeira causa do desaparecimento da quase totalidade dos termos trentinos em Pomeranos foi a diversidade de cultura, tanto da cultura agrícola, determinada por flora e fauna diversas, como pela diversa cultura do ambiente brasileiro em geral. A necessidade foi, pois, a força que, em Pomeranos, determinou a renovação do léxico. Na língua estão refletidos o meio ambiente, as condições de vida dos falantes, suas ocupações, suas tecnologias, os objetivos materiais, suas idéias, toda a história e mentalidade de um povo.

Devemos assinalar que os imigrantes encontraram aqui outro continente, outras paisagens, outro clima. As mudanças geográficas são bastante acentuadas entre o norte italiano com clima seco e frio e o clima do Vale do Itajaí, quente no verão, com

muita vegetação verde e muita chuvas durante todo o ano. A natureza característica da região dará ao imigrante italiano inspiração e motivação para a criação de uma forma peculiar de ser e de fazer as coisas. Isso repercutirá também em seu sistema lingüístico.

Verificamos que a fala trentina apaga as vogais finais seguidas de consoantes enquanto o vêneto as mantém. Apresentamos alguns vocábulos para ilustrar este tipo de comportamento lingüístico dos dois dialetos falados em Rio dos Cedros.

Pronúncia Trentina	Pronúncia Vêneta
- suc [‘suk] (abóbora)	- suque [‘suke]
- sóc [‘sɔk] (cepo)	- soco [‘soko]
- stras [ʃ’tɾas] (ruim)	- strasso [ʃ’tɾaso]
- bec [‘bek] (bode)	- beco [‘beko]
- béc [‘bɛk] (bico)	- béco [‘bɛko]
- laor [la’or] (trabalho)	- laoro [la’oro]
- prétt [‘prɛt] (padre)	- prete [‘prɛte]
- piat [‘pjat] (prato)	- piato [‘pjato]
- fradel [fra’dɛl] (irmão)	- fradelo [fra’dɛlo]
- fradelot [frade’ɔt] (irmãozinho)	- fradeloto [frade’ɔto]
- sporc [ʃ’pork] (sujo)	- sporco [ʃ’porko]
- ‘ntoc [n’tɔk] (um pedaço)	- ‘ntoco [n’tɔko]

Bonatti (1974), em seu estudo a respeito do *trentino* na comunidade de Pomeranos, Rio dos Cedros, menciona que em Trento se verifica a terminação dos vocábulos em consoante conforme os exemplos relacionados na lista à esquerda, enquanto que em Pomeranos se verifica o acréscimo da vogal à consoante. Isto é verdade, mas, além disso, também se constata em Rio dos Cedros os dois usos, ora sem a vogal e ora com a vogal em fim de consoante. Encontramos falantes que realizam os vocábulos sem a vogal em fim de vocábulo, bem como há falantes que acrescentam a vogal em fim de vocábulo.

Poderíamos continuar indefinidamente o inventário para demonstrar uma das nuances bem características das variações morfofonêmicas destes dois dialetos mais falados do sul do Brasil.

Alguns provérbios trentinos<sup>8</sup> também ilustram o apagamento da vogal em vocábulos que apresentam consoante final. Inicialmente, apresentamos o provérbio trentino e depois a versão em italiano.

- a. Marz bagná e april sut, gran da per tut.
- b. Marzo con pioggia e aprile asciuto, grano abbondante.

- a. De marz chi no g'ha scarpe va descólz.
- b. In marzo chi non ha scarpe va scalzo.

- a. Voia o no voia, marz 'l vol foia.
- b. Voglia o non voglia, marzo vuole la foglia.

- a. Da San Giusep no se scalda pu 'l let.
- b. Da San Giuseppe non se riscalda piú il letto.

- a. La luna de marz la va fin a setembre.
- b. La luna di marzo influenza il tempo fino a setembre.

- a. Febrar sut, erba per tut.
- b. Febbraio asciuto, raccolto abbondante di fieno.

Muitos dialetos, como podemos ver, se assemelham, mas não são idênticos, e mesmo onde parecem idênticos são distinguidos pela pronúncia. Muitos destes dialetos, além disso, são diferentes entre si inclusive no mesmo vale. Fox (1997: 113) relata em seu estudo uma lista de dez provérbios nos 16 dialetos mais conhecidos em Trento em que demonstra esta realidade surpreendente.

#### **4. Conclusão**

O principal objetivo deste estudo foi traçar a gênese e o percurso de dois dos mais importantes dialetos falados no sul do Brasil. No entanto, pode-se perceber no transcurso deste breve artigo que suas origens são polêmicas e não há unanimidade

quanto à questão. Não nos ativemos às implicações pedagógicas que este tema suscita e como tem sido gestionado politicamente através das décadas pelos diversos governos. O fato é que os dialetos de procedência italiana são um fato sociolingüístico que tem merecido dos historiadores e lingüistas estudos aprofundados, resultando em obras de repercussão nacional e internacional.

Sempre que se estuda uma língua - seja de qualquer povo - uma lição é contundente: a história humana só poderá ser melhor compreendida se for encarada sob o prisma histórico e sociocultural. Sternberg (2000) lembra em seu livro já clássico que nenhuma das línguas existentes no mundo é inerentemente melhor do que qualquer outra, sob o aspecto da capacidade para expressar idéias. De maneira similar, praticamente qualquer idéia pode ser expressa em qualquer dialeto.

Por isso, enfrentamos o desafio de estudá-los e conhecê-los por serem parte da nossa identidade pessoal, sociocultural e histórica. Nos caracterizamos por uma multiplicidade de rostos, de gostos, de cores e de paisagens. Nossa trajetória histórico-cultural se inicia com o índio e se encontra com o desbravador português; culmina com a vinda dos negros, dos imigrantes europeus e asiáticos. Somos uma pluralidade de raças, de etnias, de línguas e de culturas. Se quisermos saber quem somos e entender nosso caráter comunitário, regional e/ou nacional estudemos nossas origens e as circunstâncias em que nossas comunidades foram sendo engendradas. Certamente, isto ajudará a redescobrir valores que paulatinamente correm o risco de serem esquecidos.

### **Referências Bibliográficas**

BERTULUZZA, A. *Antologia del dialeto trentino*. Trento: Dossi Editore. v. 2. 498 p., 1988.

BONATI, M. *Aculturação lingüística*. São Paulo: Faculdade Salesiana de Lorena; Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí. 93 p., 1974.

CÂMARA JR., M. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes. 1978.

- CHAO, Y. *Língua e sistemas simbólicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- CLEMENTE, E. A saga do dialeto vênето. In: GRIMM-CABRAL, L. e MORAIS, J. *Investigando a Linguagem – Ensaio em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Mulheres, 1999.
- CURI, J. *A Importância do resgate da italianidade em Santa Catarina*. Conferência proferida para os Círculos Trentinos do Brasil, Blumenau, SC., 1994.
- DUBOIS, J. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- ELIA, S. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1987.
- FOX, E. I dialetti. In: *Trentino Oggi, Istituzioni, Economia, Società Civile*. Trento: Casa Editrice Panorama. p. 112-159., 1997.
- LUZZATTO, D. Talian: (Vênето Brasileiro) noções de gramática, história e cultura. Porto Alegre: Sagra-DC Luzatto. P. 11-24., 1994.
- MENGARA, E. *Correspondência*. Samone, Trento, Itália., 1995.
- REVISTA TARENTINI NEL MONDO, ano XV, n.º. 2, fev. 1997.
- RIBEIRO, J. *História da romanização da América*. Rio de Janeiro: MEC, 1959.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Lisboa, 1978.
- STERNBERG, R. *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- TARALLO, F. e ALKMIN, T. *Falares crioulos - línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.

## Notas

<sup>1</sup> O poema foi extraído da revista Trentini nel Mondo, 2, feb., 1997.

<sup>2</sup> Il professor Angelico Prati, dell'Università di Roma affermò che "il trentino è un dialetto gallo-italico con certe tinte venete. Il suo fondo è lombardo, cosa che non riconosceva l'Asoli, il quale cadde nell'errore di credere de ragione ladina quei trati del Trentino che sono invece chiaramente di ragione lombarda".

<sup>3</sup> Pomeranos é uma comunidade do município de Rio dos Cedros, Vale do Itajaí Açu, SC.

<sup>4</sup> Olha, ele fala como o meu avô.

<sup>5</sup> Uma pesquisa publicada recentemente pela revista Trentini nel Mondo (1997) afirma que "il (21%) parla sempre in dialetto. Tra gli aspetti "culturali" di ordine generale relativi al comportamento della popolazione, rilevati dal Servizio Statistico attraverso una specifica indagine, vi sono anche l'uso della lingua italiana e del dialetto e la conoscenza delle lingue straniere. Considerando le quattro modalità più diffuse di linguaggio parlato (solo in italiano, solo in dialetto, in italiano solo com gli estranei, sia in dialetto che in italiano) si rileva come il (14%) della popolazione parli sempre in italiano e come il (21%) parli, invece, sempre in dialetto. Se il (27%) utilizza, inoltre, entrambi i tipi di linguaggio, indipendentemente dal contesto relazionale, il (38%) usa il dialetto in famiglia e/o con gli amici, parlando, invece, in italiano con gli estranei. In generale, un uso abituale più diffuso dell'italiano, a prescindere dal contesto, si rileva per i bambini e gli adolescenti, mentre il dialetto viene maggiormente parlato al crescere dell'età. È, comunque, il titolo di studio che crea le maggiori differenze nel tipo di linguaggio utilizzato a seconda del contesto relazionale: in famiglia, ad esempio, la quota maggioritaria di laureati (58,1%) parla sempre in italiano mentre il (72%) dei meno istruiti, i licenziati della scuola elementare, parla abitualmente solo dialetto. Tra quest'ultimi, inoltre, significative risultano le quote di coloro che usano il dialetto (oltre il 20%), anziché l'italiano, oppure, entrambi (30%) per parlare con gli estranei. Infine, la più alta concentrazione di persone che hanno scelto il dialetto per comunicare sia in famiglia con gli amici si rilevano tra coloro che risiedono in periferia. Non emergono, invece, divari sostanziali nel tipo di linguaggio parlato com gli estranei a seconda dell'area di residenza: sia in città che in periferia, oltre il (60%) della popolazione sceglie l'italiano per le relazioni sociali di tipo formale e non confidenziale.

<sup>6</sup> Elvio Mengarda reside em Samone, Borgo Valsugana - Itália. Em sua correspondência (1995), afirma que o dialeto ali falado pende para o Vêneto. Também assinala que às vezes constatam-se variações no dialeto trentino não apenas de região para região, mas de comunidade para comunidade. Cita o exemplo do milho que, na comunidade de Samone, é designado como "sorgo" e, em Matarello, uma comunidade a poucos quilômetros dali, é designado como "zaldo".

<sup>7</sup> "Il dialeto trentino s'accosta al dialeto veneto, anzi si può dire che sia una modificazione dello stesso, dal quale non differisce se non dalla gorga colla quale viene pronunziato e dall'uso costante di troncarse le parole. In quanto alla pronunzia asserviamo anche il trentino discorre pacatamente, mentre il veneto scivola frettoloso colla parola, e non si tosto apriamo la bocca che il veneto ci conosce pre trentini dalla nostra maniera di strisciare un po' l'ultima silaba accentatam, o di gravare sulla penúltima sillaba." (Perini, 1852).

<sup>8</sup> Os provérbios foram extraídos da revista Trentini nel Mondo, n. 3, mar., 1999.